ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO PEDAGÓGICO (ATP) NA ESCOLA E A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UFCG – UAEB/CAP

Glacy Jane de Negreiros Fernandes [1]
Taíssa Santos de Lima 2[2]
Tania Lucia de Araujo Queiroz 3[3]

Este relato tem por objetivo apresentar a experiência vivenciada com o Acompanhamento Terapêutico Pedagógico (ATP) realizado por alunos do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, na condição de Estágio Supervisionado Não-Obrigatório, no atendimento às crianças com deficiência e/ou neurodivergentes, matriculadas na Unidade Acadêmica de Educação Básica – UAEBCAP/UFCG, no ano letivo de 2024. Metodologicamente, insere-se na tipologia de relato de experiência, uma vez que tomamos para análise as experiências vivenciadas, enquanto docentes em um grupo de crianças de cinco anos e supervisionando as atividades realizadas pelas estagiárias no acompanhamento de três crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA. Neste sentido, apresenta reflexões sobre a importância do acompanhamento do ATP no ambiente escolar, dentro e fora do grupo de referência, servindo como mediador entre a criança e o meio, buscando integrá-la nele e traduzindo-o para ela. Para embasamento teórico, além dos documentos legais que abordam a temática da inclusão, utilizamos os estudos de Fraguas e Berlinck (2001), Albuquerque e Sousa (2023), Mendes, Farias e Oliveira (2023). O aumento de crianças com diferentes deficiências e neuroatipias, matriculadas na UAEB a partir do ano de 2023, trouxe desafios para o trabalho docente, exigindo do professor intervenções específicas. Esta demanda desencadeou a necessidade de buscar a colaboração de uma professora do curso de Psicologia da UFCG, que

[1] Especialista em Educação Infantil. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Professora da Unidade Acadêmica de Educação Básica/Colégio de Aplicação – UAEB/CAp da Universidade Federal de Campina Grande. Email: nglacyjane@gmail.com
[2] Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, Professora da Unidade Acadêmica de Educação Básica/Colégio de Aplicação – UAEB/CAp da Universidade Federal de Campina Grande. Email: taissa.santos@professor.ufcg.edu.br
[3] Mestra em Educação Matemática e Tecnológica - UFPE, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande. Professora da Unidade Acadêmica de Educação Básica/Colégio de Aplicação – UAEB/CAp da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: tania.lucia@professor.ufcg.edu.br

tivesse disponibilidade para desenvolver ações de formação para os/as docentes e promover a supervisão de alunos, na condição de estagiários, a fim de contribuir com o acompanhamento destas crianças. Após várias reuniões em 2022, entre a coordenação pedagógica da UAEB, uma professora do curso de Psicologia e representantes de diferentes instâncias da UFCG (Pró-Reitoria de Ensino (PRE), Secretaria de Planejamento (SEPLAN), e outras) a fim de estabelecer as condições legais e a viabilidade do projeto, foi autorizado o Acompanhamento Terapêutico Pedagógico (ATP) na condição de Estágio Não-Obrigatório com estudantes do curso de Psicologia da UFCG, realizando-se, então, o primeiro processo seletivo regulamentado por meio de Edital. No ano de 2024, o processo seletivo para o Estágio Não-Obrigatório foi regulamentado pelo EDITAL Nº 11/2024, coordenado pela Pró-Reitoria de Ensino, em consonância com documentos legais para esta finalidade. Este acompanhamento está previsto na Lei 13.146/2013 com a finalidade de garantir o direito de inclusão de pessoas com deficiência na escola. A partir de então, o Acompanhamento Terapêutico Pedagógico é realizado pelos/as estagiários/as de Psicologia. A presença do ATP na escola ancora-se nos dispositivos legais que tratam da inclusão como: a Lei nº 12.764/2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e a Lei nº 13.146/2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Estes dispositivos garantem o acompanhamento na perspectiva da inclusão, com a função de promover a integração da criança com deficiência auxiliando na mediação do processo educativo. O Acompanhamento Terapêutico Pedagógico no âmbito da UAEB e, consequentemente, no curso de Psicologia e da UFCG, com as características que ele acontece, é inovador e está se constituindo à medida que se consolida no cotidiano das salas de referência, na necessidade de formação docente e de momentos de partilha, nas discussões entre docentes e estagiários/as sobre o acompanhamento, na elaboração de documentos que regulamentam e orientam a função deles na escola, na adequação dos critérios para seleção, entre outros aspectos. A função dos ATPs na Unidade de Educação Básica consiste em realizar as mediações contribuindo com o processo de inclusão das crianças, auxiliando-as no processo de socialização, na adaptação de atividades e no manejo em situações de desregulação. Um aspecto primordial no início da atividade do ATP é a vinculação afetiva com a criança a ser acompanhada, que corresponde ao período de observação participante na sala de referência e demais espaços da escola para a compreensão dela sobre o ambiente em que se encontra. Como ressalta Diniz *et al* (2023) é necessário construir vínculo com a criança, e essa construção se dá no dia a dia, para que ela sinta-se acolhida e possa confiar no seu acompanhante. Cada ATP

acompanha uma criança, dentro e fora da sala de referência, fazendo a mediação entre ela e o meio, buscando integrá-la a este meio e traduzindo-o para ela. O Acompanhamento Terapêutico Pedagógico realizado para a inclusão das crianças com autismo no grupo 5, do turno tarde, tem se concentrado nos aspectos: escolar, social e comportamental, considerando as dificuldades e as potencialidades da criança acompanhada. Neste sentido, cada ATP propõe estratégias que promovam a autonomia da criança, uma melhor autorregulação, auxilia a relação delas com as professoras, com outras crianças e demais profissionais da escola. Entre as ações desenvolvidas para o início do acompanhamento, destaca-se a fase investigativa, na qual as estagiárias buscaram informações em relatórios escolares anteriores, para o caso de crianças que já fizeram parte da UAEB no ano letivo anterior, a busca por informações em histórico médico, ou diagnósticos da criança, que sejam relevantes para o caso, conversa com a médica da escola sobre o desenvolvimento neurocognitivo da criança e participação de entrevistas com as famílias. Nesse caso, a colaboração e parceria com a família está sendo fundamental para que haja congruência entre a escola, o ATP e a família. O diferencial do trabalho realizado pelos ATPs na UAEB, diz respeito aos conhecimentos da Psicologia acerca dos processos psicológicos e desenvolvimento infantil. Esses conhecimentos referentes aos processos psicológicos e terapêuticos (ATP) associados aos conhecimentos pedagógicos (docentes) promovem a parceria necessária para que o processo de inclusão das crianças ocorra de fato na escola. O ATP "transita entre o campo pedagógico (com predominância de orientações psicoeducativas e adaptação de materiais e atividades educacionais) e o campo terapêutico, a partir dos fenômenos de transferência e vinculação entre criança-ATP", conforme destacam Mendes; Farias; Oliveira (2023, p. 301). A presença das ATPs, no grupo 5, tem sido primordial no sentido de envolver as crianças nas vivências propostas, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e aprendizagem delas. Verificamos avanços significativos de todas as crianças autistas em relação a comunicação e as interações sociais, quando participam das brincadeiras: fazer bolas de sabão, jogar bolas, brincar nos pneus, na areia do pátio e de outros momentos. Também apresentam avanços na compreensão da rotina ou acompanhamento da agenda do dia, resguardando as especificidades e níveis de suporte de cada criança. Algumas delas, após as intervenções realizadas pelas ATPs, compreendem que só podem sair para brincar no pátio, após o lanche e fazer higienização bucal. O trabalho das docentes em parceria com as ATPs tem auxiliado nas vivências individuais e coletivas, criando estratégias adaptadas às necessidades específicas de cada criança, estimulando a participação nas propostas realizadas como: as rodas de conversa, a hora do lanche, o momento do relaxamento, as brincadeiras com

outras crianças na hora do recreio, os momentos de leitura e contação de histórias, a escolha de livros para empréstimo na biblioteca, ou seja, as interações e brincadeiras que são vivenciadas nos diferentes tempos e espaços da escola e com as diferentes materialidades. O trabalho docente em parceria com as ATPs no estudo dos casos para a construção de estratégias, na adaptação dos recursos e nos diálogos com as famílias têm proporcionado uma relevante troca e compartilhamento de saberes entre a Pedagogia e a Psicologia, pois como ressalta Fraguas e Berlinck (2001) a conduta terapêutica e pedagógica são intrínsecas. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o acompanhamento realizado na condição do estágio não obrigatório na UAEB-Cap/UFCG, mostra-se, não apenas como uma ferramenta de garantia de direitos da pessoa com deficiência e neurodivergentes dentro da escola, mas na possibilidade de ajudá-la nas diferentes dimensões do seu desenvolvimento, a saber: social/emocional, linguagem/comunicação; e movimento/desenvolvimento físico, de modo a garantir as ações necessárias para que haja inclusão efetiva da criança no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Estágio não-supervisionado. Prática Pedagógica.

BRASIL, **Lei Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 26 de jul de 2024.

BRASIL, **Lei Nº 13.146/2015**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 26 de jul de 2024.

FRAGUAS, V; BERLINCK, M. T. Entre o pedagógico e o terapêutico: Algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola. **Revista Estilos da Clínica**. v. 6. Nº 11. São Paulo, 2001. p. 7-16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v6n11/02.pdf. Acesso em: 26 jul 2024.

MENDES, E.F; FARIAS, V.M; OLIVEIRA, S.F.D. Acompanhamento Terapêutico Pedagógico: Sistematização de um trabalho a partir do olhar da psicologia. In: SOUZA, R.G.P.D. (Org). **Da creche ao Colégio de Aplicação**: As crianças em cena há 45 anos na UFCG. 1 ed. Campina Grande: EDUFCG, 2023. p. 297-314. Disponível em: https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/257. Acesso em: 26 jul 2024.

SOUSA, L.S.D; DINIZ, E. L; OLIVEIRA, S.F.D. Psicologia e educação inclusiva: um velho novo campo de atuação. In: SOUZA, R.G.P.D. (Org). **Da creche ao Colégio de Aplicação**: As crianças em cena há 45 anos na UFCG. 1 ed. Campina Grande: EDUFCG, 2023. p. 297-314. Disponível em: https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/257. Acesso em: 26 jul 2024.